



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13920 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

**QUANDO ELAS FORAM NOTÍCIA: A INSERÇÃO FEMININA NA ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (1968-1998)**

Daniella Lago Alves Batista de Oliveira Eustáquio - IFRN/CAMPUS NATAL - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE

Francinaide de Lima Silva Nascimento - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Agência e/ou Instituição Financiadora: IFRN/PPgEP

## **QUANDO ELAS FORAM NOTÍCIA: A INSERÇÃO FEMININA NA ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (1968-1998)**

### **Resumo:**

O presente trabalho tem como objetivo tratar sobre o ingresso das mulheres na Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFRN). Foram coletados documentos no Arquivo Geral do IFRN, localizado no IFRN (Instituto Federal do Rio Grande do Norte), *Campus* Central (Natal/RN); no Portal da Memória do IFRN; e, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Para compreensão dos periódicos, foram utilizadas as seguintes referências: Capelato (1988); Luca (2008); Leite (2015). No intuito de compreender as fontes documentais e o conceito de memória, utilizamos: Barros (2019); Nora (1993); Halbwachs (1990); Bosi (1994); Le Goff (1990); Bloch (2001); Pollak (1989). Para gênero, Scott (1995); Pedro (2013); Matos e Borelli (2013); Perrot (2005). A partir das notícias publicadas na imprensa local e nos documentos coletados, foi possível construir a narrativa de quando as mulheres passaram a serem aceitas nos exames de seleção para a ETFRN, em meados da década de 1970. Essa mudança fez parte do processo redemocrático vivenciado na sociedade, a qual necessitava dessa abertura para a inserção do perfil feminino na educação profissional

local.

**Palavras-chave:** gênero, mulheres, educação profissional, Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte.

### **Introdução**

Nesse estudo, trataremos sobre a inserção feminina na Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFRN). Temos o intuito de relatar e registrar uma nova história - que muitas vezes é uma história que acaba sendo esquecida e não colocada no seu posto de importância. Portanto, com o registro dessas memórias, possamos construir a história de outras mulheres e lutar contra a dispersão e seu esquecimento.

Para compreensão dos periódicos, foram utilizadas as seguintes referências: Capelato (1988); Luca (2005); Leite (2015). No intuito de compreender as fontes documentais e o conceito de memória, utilizamos: Barros (2019); Nora (1993); Halbwachs (1990); Bosi (1994); Le Goff (1990); Bloch (2001); Pollak (1989). Para gênero, Scott (1995); Pedro (2013); Matos e Borelli (2013); Perrot (2005).

Diante do exposto, para atingirmos a proposta dessa análise, foram necessárias leituras, levantamento e análise das fontes, as quais serão expostas e reorganizadas as notícias que estavam “engavetadas” e esquecidas até o presente momento e nos servirão para preservar as conquistas democráticas, alcançadas ao longo dos anos.

### **Metodologia:**

Fizemos o levantamento e a catalogação de documentos para construção da história de inserção das alunas na ETFRN (1968 a 1998). Para isso, procuramos documentos no Arquivo Geral do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, localizado no IFRN, *Campus* Central (Natal/RN). Nesse espaço, coletamos os informativos impressos, intitulados de “Boletins Informativos”. Esses Boletins serviram para divulgar as atividades educacionais para a comunidade externa e veicular o fluxo de comunicação no plano interno da Escola; dessa forma, prestando conta do que se realizava no estabelecimento.

Já o Portal da Memória do IFRN nos auxiliou na cronologia das datas mais

importantes do período em questão; e, na Hemeroteca Digital, para a consulta de fontes dos periódicos locais, os quais foram: Diário de Natal; O Poti; Diário de Pernambuco.

### **Resultados parciais e discussão:**

Para a cronologia que tematiza o ingresso das mulheres na Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFRN), no período de 1968 a 1998, iniciaremos com a notícia datada em 1973, no jornal Diário de Natal anunciava sobre a participação das mulheres na ETFRN.

Para aquele momento, as alunas que estudavam na ETFRN faziam apenas a parte profissionalizante do ensino. A partir do convênio firmado com alguns colégios, as alunas assistiam as disciplinas profissionalizantes na ETFRN, conforme regia a reforma do ensino médio para o período (Lei nº 5.692/71). A parte propedêutica continuava sendo no colégio de origem. Via-se que a presença de alunas nos laboratórios da Escola Técnica não acarretava prejuízo e constatava-se um clima de naturalidade e interesse por parte dos alunos.

Depois do convênio, a turma de alunos começou a se acostumar e a situação se normalizou, já que os estudantes passavam a ficar habituados com a frequência das mulheres na instituição, informa a notícia (Jornal *O Poti*. Ano 1975. Edição 02095 [2]).

Encontramos na seção “Memória da ETFRN”, registrado no Boletim Informativo (nº 08, Ano I, 09 de setembro de 1980), fazia menção à presença feminina na escola. Além do mais, rememora que desde a criação da instituição, em 1909, até aquele momento, em 1974, o corpo discente dos cursos regulares era composto por apenas alunos do sexo masculino. Em 1975, foi registrada a primeira matrícula da aluna para o curso regular de Edificações.

A aluna veio transferida do Centro Interescolar Ferreira Viana (RJ) e tornou-se a primeira pessoa do sexo feminino a ter acesso a um dos cursos oferecidos pela ETFRN, como aluna regular da Instituição, e sido diplomada no primeiro semestre de 1976. Consideramos que foi necessário uma aluna vir “de fora” para reivindicar o seu espaço educacional.

A partir dessas mudanças iniciais, o Conselho Administrativo da ETFRN, juntamente com a diretoria, confirmavam que as mulheres poderiam fazer inscrições para os exames de seleção dos cursos técnicos. Essas alterações faziam parte do processo de modernização do ensino, de acordo com o então diretor Arnaldo Arsênio em entrevista ao jornal Diário do Natal (1975, Edição 09930).

Das 23 escolas técnicas existentes no Brasil, 20 já adotavam a matrícula de mulheres

em seus cursos. Aqui, somente, depois de 65 anos de existência, a ETFRN teria classes mistas. Dito isso, a inserção de mulheres - *num ambiente marcadamente masculino* - foi de fato uma “quebra de tabu”, inclusive porque preparava as mulheres para a entrada em mercados a que antes elas não tinham acesso por falta de formação específica.

Em janeiro de 1975, pela primeira vez, ocorreria o teste de seleção para a Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte. Esse exame tinha uma conotação diferente, pois, naquele momento, as mulheres se inscreviam para disputarem vagas com os demais alunos (JORNAL O POTI. Ano 1975. Edição 02095 [2]).

Depois do processo seletivo tão aguardado, finalmente tornava-se público a relação dos aprovados no exame. O fato em destaque é que, nesse exame, para as quinhentas vagas oferecidas, havia 2.110 candidatos, dos quais 650 eram mulheres, que pela primeira vez tentavam acesso àquele estabelecimento de ensino. Foram 139 mulheres que conseguiram aprovação, “superando o índice de aproveitamento dos homens”, de acordo com o jornal Diário de Natal (1976, Edição 09975 [1], p.1).

Após essa exposição narrada pelos periódicos de como aconteceu a trajetória do ingresso do alunado feminino, fizemos o levantamento das notícias que tematizam a respeito do nosso recorte. Ao todo, foram 09 (nove) registros encontrados. Esse demonstrativo confirma que houve certa notoriedade atribuída a esse acontecimento.

### **Considerações finais:**

O que aconteceu com a mudança de papel do alunado, voltado agora para o público feminino, é igualmente como descreve alguns teóricos: as alunas estavam passando por um processo de “reinvenção da mulher”, resultado das mudanças de seus papéis na família e na sociedade; além disso, conseguiram “brechas” a partir da matrícula da aluna do curso regular e das alunas que participavam do regime de intercomplementaridade para cumprir a carga horária profissionalizante, regulamentado pela Lei nº 5.692/71. Dessa forma, aos poucos, ocorria a naturalização das mulheres no ambiente antes tipicamente masculino.

### **Referências:**

BARROS, José D’Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2019.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge

Zahar Ed. 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p.

BRASIL. **Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Brasília, DF, 1971. Disponível em:[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L5692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm). Acesso em: 11 out 2021.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo** [online]. 2ª. ed. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: FLACSO, 2005. ISBN 978-85-393-0302-1. Edição do Kindle.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Editora Revista dos Tribunais Ltda. São Paulo(SP): 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1990. Coleção Repertórios.

LUCA, Tania Regina. Fontes Impressas. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). In: **Fontes Históricas**. V. 3. São Paulo: Contexto, 2005.

NORA, Pierre. **Entre memória e História**: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. Proj. História, São Paulo (10), dez. 1993.

PEDRO, Joana Maria. *O feminismo de segunda onda* - Corpo, prazer e trabalho. In: **Nova História das mulheres no Brasil**. Organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. 1. ed., 1a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru(SP): EDUSC. Coleção História. 2005.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Trad. Dora Rocha Flaksman. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 02, nº.3, 1989, p.3-15.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero, uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOIHET, Rachel. (2013). **História das mulheres e história de gênero**: um depoimento. Cadernos Pagu, (11), 77-87. Recuperado de

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634464>. Acesso em 11 abr 2023.